

Apresentação

Raffaella de Filippis Quental* e Diego Mauricio Barbosa**

Este volume de **Tradução em Revista** apresenta um dossiê temático sobre Estudos da Interpretação, que inclui seis artigos e uma entrevista, seguido de uma seção *Varia* e uma seção de Traduções. O dossiê ainda é fruto do II Congresso sobre Estudos da Interpretação (ConEI) e III Colóquio sobre Interpretação de Línguas de Sinais em Contextos Comunitários: Saúde, Educação & Justiça (CILSC), realizados em 2021, que ensejaram o convite para organizarmos mais um volume temático sobre Estudos da Interpretação, após os números 23 e 24, de 2017.2 e 2018.1, integralmente dedicados ao tema. Assim, para o volume publicado em 2022.1, recebemos trabalhos submetidos por três palestrantes convidados para o evento e três pesquisadores que apresentaram trabalhos nas sessões de comunicação. Os temas, que podem ser conferidos no volume 32 de **Tradução em Revista**, foram extremamente variados, cobrindo um leque de assuntos que incluiu desde interpretação comunitária como direito humano até tradução à prima vista.

Este segundo volume de 2022 dedicado aos Estudos da Interpretação, ao qual demos o subtítulo “Intersecções entre teoria e prática”, não se restringe a trabalhos apresentados no II ConEI e III CILSC, mas ainda traz dois artigos e uma entrevista que são fruto daqueles eventos. A entrevista é uma conversa com o professor Daniel Gile, proposta pelos organizadores deste volume com o intuito de resgatar algumas das ideias apresentadas pelo grande teórico da interpretação em sua conferência de abertura. Os dois artigos, que foram fruto de comunicações apresentadas nos eventos, versam

* Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

** Universidade Federal de Goiás

sobre formação em interpretação comunitária para população estrangeira encarcerada e sobre as formas de apoio no trabalho em equipe de intérpretes Libras-português.

Os demais artigos do volume abordam os seguintes temas: os desafios para a questão racial, o ensino de línguas estrangeiras e a interpretação de conferências no Brasil; os limites e possibilidades na formação de intérpretes on-line; a didática da interpretação; o uso do empréstimo linguístico na interpretação português-Libras no contexto televisivo e um estudo de traduções multimodais de Shakespeare (na sessão *Varia*). Completa este volume uma tradução de um artigo de Hans Ulrich Gumbrecht, Professor Emérito de Literatura Comparada da Stanford University.

O artigo que escolhemos para abrir o volume é aquele sobre a questão racial, dada a urgência e pertinência do tema. Partindo da escassez de registros sobre o trabalho de intérpretes de conferência negros, bem como da notada ausência de colegas negros atuando no mercado de eventos, Raquel Masil, ela própria intérprete negra egressa do curso de formação de intérpretes na PUC-Rio, propõe o tema a partir do seu trabalho de conclusão do curso, desenvolvido sob orientação da professora Anelise Gondar, que assina o artigo com ela.

Em “A questão racial, o ensino de línguas estrangeiras e a interpretação de conferências no Brasil: percursos e desafios”, as autoras mostram que as raízes do problema remontam à histórica falta de acesso da população negra à educação em geral e ao ensino de línguas estrangeiras em particular, remetendo a um contexto de exclusão condizente com o racismo estrutural da sociedade brasileira. Lembram que a profissão de intérprete de conferências já nasce com viés de gênero, raça e posição social e revisitam, através de três entrevistas publicadas com intérpretes negros, as dificuldades que esses profissionais enfrentam ainda hoje para ingressar no mercado e/ou para se manter ativos na profissão. Com a publicação desse artigo, esperamos contribuir para o esforço de tornar visíveis os efeitos do racismo estrutural na interpretação de conferências no Brasil.

No segundo artigo do volume, o foco passa a ser a interpretação comunitária, especificamente no contexto prisional. Em “Caminhos para proposta de formação em interpretação comunitária para população estrangeira encarcerada: estudo sociolinguístico etnográfico interacional do

presídio de Itaí”, Lucia Maria dos Santos aponta para a escassez de estudos sobre a interpretação no sistema carcerário no Brasil e as consequentes lacunas sobre a qualificação formal adequada para esse contexto. Ela apresenta seu projeto de doutorado em que propõe um modelo de formação de intérpretes comunitários para atender à população estrangeira encarcerada, a partir de um estudo etnográfico do presídio de Itaí, exclusivo para detentos estrangeiros.

A autora busca compreender os aspectos típicos do cenário carcerário, como as variáveis interacionais do contexto, que demandam competências específicas por parte do intérprete. Para tal, o estudo prevê um mapeamento quantitativo e qualitativo dos apenados e do seu cotidiano no presídio. Pretende, dessa forma, apontar caminhos e contribuir para o reconhecimento do caráter profissional da interpretação comunitária e da necessidade de formação específica de profissionais habilitados para atuar nos espaços institucionais públicos.

O artigo seguinte discute o desafio que se apresentou aos cursos de formação face às medidas de isolamento social impostas pela pandemia de COVID-19. Em “Limites e possibilidades para a formação de intérpretes de conferência em tempos pandêmicos: a experiência da pós-graduação em interpretação de conferências da PUC-Rio”, as autoras, Anelise Gondar, Denise Araujo e Raffaella Quental, valem-se de sua experiência à frente do curso em questão para relatar o processo de transição do curso ao regime de ensino à distância e propor uma reflexão sobre os caminhos da formação num cenário pós-pandêmico.

Após contextualizar o curso no cenário da formação no Brasil, o artigo destaca os elementos que facilitaram a adaptação para o ambiente on-line, como a ênfase na ideia de aprendizagem autônoma e prática deliberada, bem como as tecnologias de *blended learning* incorporadas ainda no formato presencial. As autoras salientam os efeitos positivos da continuidade do curso on-line após o primeiro ano da pandemia, merecendo destaque, entre eles, a derrubada das barreiras geográficas, tornando amplamente acessível, pelo menos do ponto de vista da distância, o único curso de interpretação de línguas orais do Brasil em nível de pós-graduação. Ainda que considerem que a transição tenha sido muito bem-sucedida, as autoras concluem o artigo listando alguns desafios importantes para a manutenção do curso no ensino remoto, sendo o maior deles a falta de familiaridade do egresso on-line com

o ambiente de eventos presenciais, em geral, e com a cabine física de interpretação simultânea, em particular, uma vez que o mercado de eventos começa a voltar à normalidade e tudo indica que a interpretação remota será apenas mais uma modalidade no mundo da interpretação de conferências.

Ainda sobre o tema da formação, o artigo de Neiva Albres e Mairla Costa, intitulado “Didática da interpretação: proposta de avaliação conjunta a partir do gênero seminário”, apresenta uma discussão voltada para a didática da interpretação simultânea no par linguístico Libras-português. As autoras, cujo objetivo é fomentar as discussões sobre o tema no âmbito dos Estudos da Tradução e Interpretação de Língua de Sinais, respaldam o trabalho nos estudos de Bakhtin e o Círculo a partir de um olhar enunciativo-discursivo.

Para tanto, usam uma abordagem qualitativa-descritiva para desenvolver sua pesquisa a partir de um estudo de caso da disciplina “Laboratório de Interpretação I” em um curso de Bacharelado de Letras-Libras. Analisando o currículo, levantando reflexões com base na atividade de interpretação realizada pelos estudantes e problematizando a tarefa, as autoras apresentam questões que podem contribuir para as discussões da área e suscitar novas reflexões que merecem um olhar mais aprofundado.

O artigo seguinte, de Tiago Nogueira e Vinicius Nascimento, propõe uma discussão centrada nas “Formas de apoio no trabalho em equipe durante a interpretação remota de português-Libras em conferências”. Assim, o escopo do trabalho foi apresentar uma análise descritiva dos tipos de apoio e formas linguísticas utilizados por uma equipe de intérpretes durante sua atuação em uma conferência. O objeto da análise foi uma interpretação simultânea remota (RSI) que ocorreu no período da pandemia de Covid-19.

Para iniciar essa discussão, os autores chamam atenção para o fato de que o trabalho em equipe vem ganhando destaque nas discussões acadêmicas e na formação de profissionais que trabalham tanto com as línguas sinalizadas, quanto com as línguas vocais-auditivas, o que denota um amadurecimento do tema nos últimos anos. A partir desse ponto de partida, os autores discutem, com base em Nogueira (2016), os tipos de apoio que os intérpretes prestam um ao outro durante a tarefa interpretativa, como, por exemplo, sugestão de interpretação, esclarecimento ou correção.

Em seguida, analisam uma tarefa específica de uma interpretação simultânea remota (RSI) em conferência, destacando um novo tipo de apoio, específico do ambiente virtual.

No artigo de Aline Lima e Diego Barbosa, “A interpretação de português para língua brasileira de sinais (Libras) na programação da TV UFG e o uso do empréstimo linguístico”, encontramos uma reflexão sobre a prática de interpretação de português para Libras em contexto televisivo. Os autores baseiam-se em estudos voltados para as estratégias que são acionadas durante a tarefa de interpretação simultânea, mais especificamente nesse par linguístico. Seu interesse específico é a ocorrência da estratégia de empréstimo linguístico (datilologia), observada na interpretação simultânea para Libras da programação da TV UFG, que é realizada por integrantes do projeto de pesquisa “Laboratório de Tradução Audiovisual Acessível” (LabTavi), da Universidade Federal de Goiás.

A partir da análise desse corpus, os autores evidenciam que a estratégia de empréstimo linguístico (datilologia) é recorrente na interpretação português-Libras, não apenas para suprir a falta de terminologia especializada, mas também como forma de contextualizar e/ou esclarecer algum conceito que apresente ambiguidade.

O último artigo do volume foi escrito em inglês por Carlos César da Silva e é apresentado na sessão *Varia*, pois não está diretamente relacionado à área de Estudos da Interpretação. Intitulado “Dramatic text messages: a study of multimodal translations of the bard in *OMG Shakespeare*”, trata-se de um interessante estudo de traduções multimodais do grande poeta e dramaturgo inglês William Shakespeare, concentrado nos volumes de *Hamlet* e *Macbeth* da coleção infantojuvenil citada no título.

Após explicar, à luz dos Estudos da Tradução, a importância da tradução para a divulgação e permanência da obra no tempo, o autor descreve e analisa o processo de tradução multimodal dos livros em questão, que envolveu sua adaptação para o público jovem contemporâneo de língua inglesa. Entre outras características, as obras incluídas na coleção *OMG Shakespeare* adotam práticas sociais contemporâneas como a interação on-line. Os personagens das obras escrevem no aplicativo digital Bloco de Notas (Notepad) e fazem amplo uso de recursos típicos do ambiente digital, como abreviações, *hashtags* e *emojis*, transformando a linguagem originalmente

verbal em multimodal. O autor conclui que, embora esses recursos acabem por atenuar o tom dramático das falas, constituem sem dúvida um elemento de atração para o público jovem, sendo usados inclusive como estratégia de marketing pela editora, que estampa na capa do livro a famosa fala de Hamlet (“Ser ou não ser, eis a questão”), representada por meio de letras, números e *emojis*, numa modalidade visual que as novas gerações de leitores tendem a reconhecer prontamente.

Na seção Entrevistas, temos o prazer e a honra de contar mais uma vez com a generosidade do grande teórico dos Estudos da Interpretação Daniel Gile, que também publicou um artigo em 2017, no número 23 de **Tradução em Revista**, o primeiro fascículo inteiramente dedicado a esse campo de estudos. Os organizadores deste volume, Diego Barbosa e Raffaella Quental, quiseram registrar, através dessa entrevista, as principais ideias desenvolvidas pelo Professor Daniel Gile em sua palestra “Interpretação de língua de sinais, um tesouro para os Estudos da Interpretação”, proferida na abertura do II Congresso sobre Estudos da Interpretação, que foi realizado em 2021 e ensejou os dois volumes temáticos que se encerram com este dossiê. A conferência em questão suscitou reflexões que contribuem de maneira significativa para a aproximação dos Estudos da Interpretação das línguas de sinais e os Estudos da Interpretação das línguas orais.

A entrevista com o Professor Gile foi dividida em três eixos principais. Começamos indagando sobre sua iniciativa, o CIRIN (Conference Interpreting Research Information Network), um boletim que reúne informações de pesquisas atuais sobre os Estudos da Interpretação em vários lugares do mundo. Perguntamos, então, sobre sua experiência com interpretação de língua de sinais e sua motivação para chamá-la de “tesouro” em sua conferência de abertura.

Na segunda parte da entrevista, conversamos sobre o surgimento do Modelo dos Esforços e sua aplicabilidade na interpretação de língua de sinais, a definição de estratégias e táticas na interpretação e as diferenças entre a formação de intérpretes de conferências e intérpretes de língua de sinais.

No terceiro eixo, foram levantadas questões sobre a desvinculação dos Estudos da Interpretação dos Estudos da Tradução, sobre as vantagens

da filiação dos Estudos da Interpretação de Língua de Sinais aos Estudos da Interpretação e, ainda, sobre as perspectivas futuras para a pesquisa e a formação de intérpretes.

Finalmente, na seção de Traduções apresentamos um breve ensaio de Hans Ulrich Gumbrecht que resgata o papel intelectual do jesuíta do século XVII Baltasar Gracián através da leitura do filósofo alemão e grande hispanista Werner Krauss. O texto, publicado originalmente no periódico suíço *Neuer Zürcher Zeitung* em maio de 2020, intitula-se “A fria concretude de Baltasar Gracián: Um jesuíta do século XVII fascinado pelo pensamento”, e a tradução do alemão é de Greicy Pinto Bellin e Celia Regina Celli. Com a palavra, as tradutoras:

Nesse ensaio, Hans Ulrich Gumbrecht discorre sobre a recepção do escritor e jesuíta espanhol Baltasar Gracián nos séculos XIX e XX, passando pelas figuras de Werner Krauss, que alega ter sobrevivido na prisão lendo os aforismos do *Oráculo Manual e Arte da Prudência*, a mais famosa obra do jesuíta, e Arthur Schopenhauer, que a traduziu para o alemão. Com base neste percurso de recepção, Gumbrecht realiza uma breve análise da estrutura e da espacialização dos aforismos, bem como a tendência a percebê-los como um manual de autoajuda, o que limitaria, pelo menos em tese, suas possibilidades de compreensão. Ao final do ensaio, o autor aponta para uma relação entre a obra de Gracián e o mundo contemporâneo, levando em conta a inserção de seus potenciais leitores no contexto pandêmico. (depoimento pessoal)

As pesquisas apresentadas neste volume mostram a riqueza das intersecções entre teoria e prática no campo de Estudos da Tradução e da Interpretação, bem como a potencialidade e diversidade de objetos de estudo nessa área. Agradecemos mais uma vez às editoras de **Tradução em Revista** pelo convite para organizar este volume, que propiciou a divulgação dessas pesquisas e o aprofundamento das discussões, e a todos que contribuíram para sua realização. Esperamos que esta publicação estimule pesquisadores da área, professores, estudantes, profissionais e interessados em geral a participarem das próximas edições dos eventos que deram origem a esses dois volumes temáticos e a enviarem suas reflexões para publicação, contribuindo assim para o fortalecimento dos Estudos da Interpretação no Brasil.